

Hamlet:
Ser ou não ser?
Só Freud
explica

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV Nº 35 / 38
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

O Poeta da Vila

Sessenta anos
sem a poesia de Noel

Notícia Geral,
duzentos anos
de
história de
Goiás

Entrevista:
José Godoy
Garcia, 50 anos
de literatura



Batidas às portas de Deus

□ Salomão Sousa

Nesta obra, esta polaridade (o sagrado versus profano) se realiza na sua completude, de forma definidora, pois fica manifesto que é a vida, a forma como ela realiza o profano em cada indivíduo, que define a manifestação do sagrado.

Sempre existiu na poesia de Afonso Félix de Sousa, desde o lançamento de seu primeiro livro, em 1948, passando sobretudo pelo livro de 53, **O Amoroso e a Terra**, e com fortes ressonâncias em **Íntima Parábola**, de 56, uma densa ligação entre o céu e a terra. Trata-se de uma poesia que vem comprovar que nunca há um desligamento completo entre o sagrado e o profano. Ao estudar este fenômeno, Mircea Eliade já concluía que o homem nunca se desvincula do sagrado.

Agora, com o recente lançamento dos **Sonetos aos Pés de Deus & Outros Poemas** (Edições Galo Branco, Rio de Janeiro, 1996) esta polaridade se realiza na sua completude, de forma definidora, pois fica manifesto que é a vida, a forma como ela realiza o profano em cada indivíduo, que define a manifestação do sagrado.

O ser profano em Afonso Félix de Sousa, capaz de reconhecer a dor na carne, de confessá-la, e de vencê-la com o gesto da determinação, aliado à força sagrada da inventividade do mito, nascedouro do sagrado e da própria laboração poética, produziu, assim como a ostra, pérolas com sua dor. Se a lírica é autobiográfica, o poeta mesmo, ao calcar "o deserto, o deserto", nesta ressonância do vazio, vê nele mesmo como se estivesse olhando no espelho de outra individualidade o "menino que se perdeu do oásis" e vai fundindo "o torto e o certo", nesta dicotomia humana de carregar a união, a fusão do profano-sagrado. Em alguns momentos, surge a exatidão dolorosa daquele que chegou ao conhecimento, ter de admitir que "o estado de graça/nasce dos ais de uma desgraça". Mas sem se desenraizar da realidade, pois contém "na mente uma ave/que voa bebendo o presente".

É ser que sente e pulsa o tempo presente, ressoa a realidade, inclusive da poética, que já não teme a sonoridade que vem da partição, basta ver no exemplo anterior (des/graça), como em "Bailam os pés num chão metafísico/e o olhar palmeia um belo físico" - citado o poema completo - como se fosse um poeta marginal de uma pequena cidade goiana espreitando deuses(as) a partir de um banco na praia de Copacabana.

E chega o instante da totalidade do poeta, quando a assonância consegue rimas e consangüinidade das palavras dentro de um soneto inglês de total soberbia: água/trago-a, Granada, madrugada. Com estes exemplos, pode-se reconhecer em

Afonso Félix de Sousa um poeta que soube acompanhar os passos da poesia de seu tempo, enquanto outros/muitos procuram apenas agredir tanto as regressões quanto as progressões. Landedusa, há algum tempo, já reconhecia que, para permanecer como está, às vezes precisamos admitir mudanças. E as mudanças, tanto para a ética como para a poesia, nem sempre são passos para a frente, sobretudo num mundo pós-eletricidade, pós-religião, pós-poesia, onde tudo está claro. Podem ser, sobretudo, passos para trás.

São 29 os sonetos sagrados. Poderia ser outro número, outro tanto. Até para menos, como as 14 estações da Via-Sacra. Mas a sua penitência tem de ser paga com 29 repetições "por tudo o que me dás louvado sejas, /por tudo o que não dás sejas louvado". Talvez por ter esgotado a rima, inclusive tendo de haver recorrência, numa prova de que pode soer de cairmos mais de 14 vezes sob o peso de nossa cruz: despejas (esta aparece três vezes), pelepas, desejas, estejas, ensejas (estas quatro aparecem duas vezes), benfazejas, alvejas, almejas, protejas, manejas, bafejas, vejas, planejas, malfazejas, lampejas, arquejas, bordejas, festejas, bafejas, arejas, fraquejas, elejas, pestanejas.

E nesta ressonância beethoveniana de bater 29 vezes à porta do Senhor ("Eu bato, eu bato, eu bato à tua porta/bato sem ver que a porta está aberta") é a busca para preencher o deserto e alcançar o desfazimento da des/graça, pois "Contigo, não me perco no vazio". O deserto metafísico só pode ser preenchido com outro deserto.

Seus sonetos e os outros poemas não admitem sequer um polimento gráfico, um encastamento do ouro de uma palavra extra, brilham por/em si mesmos, completude. A poesia brasileira estava carente de um retorno lírico, onde nenhum crítico, nenhum leitor sensível, para senti-la, propalá-la, tenha de se valer de alguma característica ou ditames de uma escola literária. Aqui, Afonso Félix de Sousa - um dos ângulos do triunvirato das grandes expressões da poesia goiana, ao lado de José Odoys Garcia e Qilberto Mendonça Teles - aparece desligado de 45, do neomodernismo, mas amarrado ao umbigo da lírica universal, no mesmo sangue onde se alimentam Leopardi, Ungaretti, Pessoa, Keats.

É onde circula o sangue da lírica não existe túmulo.

Salomão Sousa é escritor, poeta e crítico literário.

